

HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFISSIONAIS DA RÁDIO UNIVERSIDADE FM (106,9): um retrato do ano de 2024¹ LIFE STORIES OF PROFESSIONALS AT RÁDIO UNIVERSIDADE FM (106.9): a portrait of the year 2024

Izani Mustafá ²

Resumo: A proposta deste artigo é narrar as histórias de vida de nove profissionais mulheres que trabalham na Rádio Universidade FM (106,9), de São Luís, capital do Maranhão. Entre elas estão a diretora-executiva, locutoras, coordenadoras e uma secretária. Após uma busca ativa e o mapeamento, utilizamos a técnica metodológica de entrevistas semiestruturadas, que nos permitiu conhecer a relação delas com o rádio. Este trabalho é um recorte da pesquisa *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, do GP Rádio, Podcast e Mídia Sonora, e é um contributo para a pesquisa coletiva *A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico*, coordenada pelas investigadoras Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFOP). Consideramos necessário dar visibilidade a elas que fazem parte da história do rádio.

Palavras-Chave: Rádio Universidade FM. Mulheres. Profissionais.

Abstract: The purpose of this article is to tell the life stories of nine female professionals who work at Rádio Universidade FM (106.9) in São Luís, the capital of Maranhão. Among them are the executive director, announcers, coordinators and a secretary. After an active search and mapping, we used the methodological technique of semi-structured interviews, which allowed us to understand their relationship with radio. This work is an excerpt from the research *Voices, memories and stories of women on the radios of Maranhão (1941-2022)*, by GP Rádio, Podcast e Mídia Sonora, and is a contribution to the collective research *The history (of women) of radio in Brazil – a proposal for reviewing the historical account*, coordinated by researchers Valci Zuculoto (UFSC) and Juliana Gobbi Betti (UFOP). We consider it necessary to give visibility to these women who are part of the history of radio.

Keywords: Radio University FM. Women. Professionals.

1. Introdução: Mulheres presentes no rádio

É preciso dar voz às mulheres que trabalharam e trabalham em rádio no Brasil. Porque existem informações (dispersas) de que muitas mulheres trabalharam e continuam trabalhando

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025. Elaborado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001.

² Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, doutora em Comunicação (PUCRS), e-mail: izani.mustafa@gmail.com.

em diferentes emissoras. A maioria das histórias delas estão invisibilizadas na historiografia radiofônica. A partir de um movimento liderado pelas pesquisadoras Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFOP) que propuseram, em 2022, durante o XIII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado pela ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, a pesquisa coletiva intitulada “A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico”, nós do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, listado no CNPq, decidimos fazer a nossa parte e criamos a pesquisa “Vozes, memórias e história de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)” para identificar as mulheres que trabalharam e trabalham em rádio no Maranhão e reconstituir as suas histórias de vida tendo como ponto de partida a revisão bibliográfica, seguida da busca ativa, da identificação de quem são elas, do mapeamento e da aplicação de entrevistas semiestruturadas.

Em 2024 foram realizadas 53 entrevistas³ em cinco cidades, cada uma situada em uma das quatro mesorregiões que definimos porque sabemos da impossibilidade de fazer essa busca em 217 municípios do Maranhão, conforme a TABELA 1 abaixo:

TABELA 1
Entrevistas realizadas no Maranhão em 2024

Messorregiões	Cidades	Mulheres Entrevistadas
Norte Maranhense	São Luís	32
Leste Maranhense	Caxias	11
Oeste Maranhense	Imperatriz	3
	Açailândia	5
Sul Maranhense	Balsas	2
Total	5 cidades	53 entrevistadas

FONTE – A AUTORA, 2025.

É importante destacarmos que na tabela acima estão citadas apenas três entrevistadas de Imperatriz. Elas foram ouvidas para a pesquisa “Vozes, memórias e história de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)” e suas histórias estão no artigo “As mulheres de ontem e de

³ As entrevistas foram realizadas com a doutora Nayane Brito (UFSC), integrante do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora em 25 de junho de 2024.

hoje no Rádio de Imperatriz (MA)”. (MUSTAFÁ et al, 2023). Essas profissionais são consideradas as pioneiras do rádio imperatrizense. No entanto, por meio de uma revisão bibliográfica, localizamos mais sete mulheres que trabalharam em estações de Imperatriz: Dina Prado, Mônica Brandão, Marcinha Ferreira, Cristina Trautmann, Luzia Sousa, Neide Oliveira e Angra Nascimento.

Além disso, entre 2023 e 2024, quando conseguimos ampliar o mapeamento por meio da busca ativa em seis rádios comerciais, identificamos a presença de 18 profissionais. Desse total, dez são apresentadoras, duas são comentaristas, cinco trabalham na parte administrativa ou operacional e uma é diretora da Rádio Nativa FM (99,5), Michelângela Vieira.

No final de 2024, com a entrada no ar de mais três rádios houve uma movimentação no mercado de trabalho radiofônico e é provável que possamos localizar e entrevistar mais mulheres. Um exemplo recente é a jornalista recém-formada na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, Marcela Lima, que está apresentado um jornal da Rádio Difusora FM.

O contexto acima, com enfoque no Maranhão, demonstra que apesar da hegemonia masculina no rádio, onde as vozes masculinas sempre prevaleceram, as mulheres tiveram participação no desenvolvimento da mídia radiofônica no país, desde os primórdios e contribuíram para a popularização do meio (ZUCULOTO e BETTI, 2021). Nesta proposta vamos apresentar as histórias de vida de oito mulheres que trabalham na Rádio Universidade FM (106,9), instalada na capital São Luís, e que em 2025 vai chegar a 39 anos de existência. Trata-se de uma rádio educativa que pertence à Fundação Sôsândrade e é gerida pela Universidade Federal do Maranhão. O conteúdo é voltado para a informação, educação, ciência e cultura, principalmente a maranhense. Todas foram entrevistadas nos dias 25 de junho e 18 de julho de 2024. Na TABELA 2 citamos as profissionais, a função que ocupam, o nome do programa que apresentam, quando são locutoras, e o tempo em que estão na emissora.

TABELA 2

Quem são as profissionais da Rádio Universidade FM (106,9)

Nome da profissional	Função	Programa que apresenta	Há quanto tempo está na rádio
Josie Bastos	Diretora-executiva	Tudo sobre saúde mental e Rádio ciência entrevista	1 ano e 3 meses
Gisa Franco	Locutora	Santo de Casa	31 anos
Maira Nogueira	Locutora	Jornal Rádio Universidade e FMPB	29 anos
Maud Rebelo	Coordenadora de Programação	-	38 anos
Lana Rodrigues	Secretária	-	17 anos
Leila Ferreira	Coordenadora de marketing cultural		17 anos
Karine Santiago	Coordenadora de mídias sociais	-	1 ano e 6 meses
Teresa Cristina Carvalho	Programadora musical	-	26 anos
Sandilla Torres	Coordenadora de Relações Públicas	-	3 anos

FONTE – A AUTORA, 2025.

2. Perspectiva de gênero no rádio

Para esta pesquisa, compreendemos que os estudos com a perspectiva de gênero como estamos propondo, focado no rádio, sejam cada vez mais necessários porque são eles que darão “vazão a um estudo de identidades e representações de gênero ou a um processo de escuta do outro, sendo este composto por mulheres”. (ESCOSTEGUY, 2008, p. 7). Segundo a autora, esses relatos podem se configurar em “descrições de determinadas condições de vida, contribuindo para entender que não existe uma identidade única entre as mulheres”. (ESCOSTEGUY, 2008, p. 7). Temos consciência de que os estudos de gênero em nossa área ainda são pouco explorados. Mas estamos querendo romper essa bolha para cruzar os estudos radiofônicos com os estudos de gênero, porque compreendemos que os estudos sobre as mulheres precisam estar evidentes na história do rádio no Brasil.

Esses relatos que apresentaremos nesta investigação, mesmo que sejam descritivos, são um começo para dar visibilidade às mulheres, de dar voz a elas porque, de acordo com Hooks (2019, p. 57) vivemos num “mundo em crise governado por políticas de dominação, um mundo onde a crença em uma noção de superior e inferior e sua concomitante ideologia – de que o

superior deveria governar o inferior [...]”. Concordamos com a autora quando enfatiza que é por meio da perspectiva de gênero que podemos perceber as diferentes formas de dominação e como o machismo pode moldar e determinar as relações de poder em “nossas vidas privadas, em espaços familiares, no contexto mais íntimo (casa) e nas esferas mais íntimas de relações (família). (HOOKS, 2019, p. 61).

Por sabermos que a desigualdade de gênero ainda faz parte da atual realidade em todas as áreas de trabalho, acreditamos que erguendo a voz por meio da escrita das histórias de vidas, mesmo breves, de profissionais que têm uma função nas rádios, é, como observa Hooks (2019, p. 88) “exercitar estratégias de resistência”. É a partir desses relatos que vamos conhecer uma realidade de que, infelizmente, os homens continuam sendo maioria nas emissoras. O ambiente no rádio, um dos principais veículos de comunicação, ainda é predominantemente masculino.

Nesta primeira rádio educativa a entrar no ar na cidade de São Luís, capital do Maranhão, a equipe está assim formada: uma diretora executiva, seis coordenadores, sendo três mulheres e três homens, e 16 funcionários, dos quais 12 são homens e apenas quatro são mulheres. As informações disponíveis no site (RÁDIO UNIVERSIDADE, 2025, on line) comprovam que existe uma predominância de homens, quase o dobro (15 homens e 8 mulheres). Quando contabilizamos os estagiários a diferença fica assim: 24 homens para um total de 15 mulheres.

Esse quadro confirma o que Lopez, Kischinhevsky e Benzecry (2022) também destacaram que:

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa do portal Comunique-se, 15.654 mulheres estavam empregadas em veículos de comunicação em 2019, o equivalente a 36,98% dos postos de trabalho no mercado de imprensa nacional. No rádio, contudo, a participação feminina era ainda menor: apenas 2.284 mulheres (20,5% do total) trabalhavam em funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação, contra 11.182 homens (LOPEZ, KISCHINHEVSKY, BENZECRY, 2022, p. 3).

Um cenário que persiste. Mas que na proposta deste artigo pretendemos dar voz e relatar as histórias dessas mulheres. Porque entendemos que essa ação é necessária e urgente e como afirma Perrot (1995),

escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à

concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes ("Não se sabe nada das mulheres", diz-se em tom de desculpa) (PERROT, 1995, p. 1).

Como enfatiza Gobbi (2021), ainda estamos vivendo numa “sociedade patriarcal, alicerçada em uma herança colonialista e amplamente discriminatória” (GOBBI, 2021, p. 23). E são as barreiras impostas às mulheres que precisamos ultrapassar e revelar, por meio da pesquisa acadêmica, que existem muitas mulheres construindo e contribuindo para a história do rádio brasileiro.

3. Procedimentos metodológicos

Para a elaboração deste artigo, utilizamos inicialmente a pesquisa qualitativa e exploratória com o objetivo de “fazer um mapeamento prévio do terreno a ser explorado durante a pesquisa principal, pensando nas etapas a percorrer” (MARTINO, 2018, p. 95). Esse procedimento metodológico permitiu a nós pesquisadoras ter uma aproximação e maior familiaridade com o problema da pesquisa que é identificar se existiam profissionais do gênero feminino trabalhando na Rádio Universidade FM (106,9) e em quais cargos – administrativos ou como locutoras. Esse caminho, segundo Gil (2002, p. 41) permite um planejamento flexível envolvendo a articulação de levantamento bibliográfico e de uma busca ativa, como realizamos, para ter maior fidelidade ao mapeamento realizado em junho de 2024, para identificarmos as profissionais. Com as informações qualitativas obtidas partimos para a segunda etapa que foi aplicarmos uma entrevista semiestruturada com nove colaboradoras da rádio, fundamentada num roteiro de perguntas, com o intuito de apresentá-las de uma maneira completa e “conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para as suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa” (MARTINO, 2018, p. 115).

Após realizarmos as entrevistas utilizando um gravador digital, nos dias 25 de junho e 18 de julho de 2024, fizemos as transcrições para narrar neste trabalho as histórias de vida dessas nove mulheres que atuam na emissora. Entendemos que metodologia de histórias de vida é compreendida como uma técnica de pesquisa social bastante utilizada por sociólogos, educadores e antropólogos, mas que podemos utilizar para destacar relatos na área da

comunicação. Como afirmam as autoras Marconi e Lakatos (2018, p. 135), também acreditamos que as declarações dessas profissionais nas entrevistas semiestruturadas são informações de “documentos íntimos”, “documentos pessoais” ou “documentos humanos” porque estamos obtendo informações relativas à “experiência íntima de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto de estudo”.

A fim de preservarmos as histórias de cada uma, vamos fazer um relato descritivo porque entendemos que a partir da reconstituição da vida de cada uma, por meios das lembranças e memórias, será possível destacarmos o papel profissional delas no meio radiofônico do Maranhão, contribuindo assim para a pesquisa nacional em andamento, conduzido pelas pesquisadoras Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFOP).

4. Uma breve história da Rádio Universidade FM (106,9)

Em 21 de outubro de 2025 a Rádio Universidade FM (106,9)⁴ vai completar 39 anos de existência. A emissora ocupa um canal educativo, se autodenomina pública com fins educativos e culturais, é mantida pela Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e iniciou as transmissões em 21 de outubro de 1986. Funciona no campus universitário Bacanga, no Centro de Ciências Sociais. A história institucional, disponível no site, relata que tudo começou como o primeiro laboratório de estágio profissional dos alunos de Comunicação Social para só depois se transformar numa emissora radiofônica, em 1984. (RÁDIO UNIVERSIDADE, 2025, online). Foi a partir da década de 1990 que a emissora começou a se profissionalizar e a contratar profissionais da comunicação e técnicos especializados. Desde 2008 tem um transmissor digital e o sinal das ondas sonoras chega a aproximadamente 30 municípios do entorno de São Luís, capital do Maranhão, e a municípios de estados vizinhos como Pará e Piauí.

Atualmente, a única rádio universitária do Maranhão tem site próprio onde disponibiliza a programação, quais são os programas irradiados, parte do conteúdo em formato de podcast e em vídeo, compartilha áudios na plataforma de *streaming* Spotify e é atuante em três redes sociais: Facebook, X (antigo Twitter) e Instagram. Tem ainda um canal no YouTube que começou a ser utilizado para a transmissão do Jornal Rádio Universidade, apresentado por Adalberto Júnior, durante a pandemia da covid-19. Acompanhando as novidades tecnológicas,

⁴ Rádio Universidade FM (106,9). Disponível em: <http://www.universidadefm.ufma.br/>.

a emissora mantém um canal de WhatsApp aberto para interagir com os ouvintes que podem, por exemplo, enviar a sua playlist para tocar na Programação local – programa musical que vai ao ar aos sábados e domingos, das 21 às 22 horas.

A presença da Rádio Universidade em diferentes canais comprova que se trata de uma rádio expandida (KISCHINHEVSKY, 2016), acompanhou as mudanças tecnológicas, se reinventou com o tempo e hoje é ouvida pelas transmissões hertzianas, on line, pelo aplicativo disponível na loja virtual, pelo celular e pelo YouTube. Ao longo de sua existência tem procurado ampliar a audiência e fidelizar o ouvinte e o internauta.

A programação da rádio é voltada para a informação, cultura, educação, ciência, cidadania e música, e reúne 46 programas. Entre os que se destacam, de segunda a sexta-feira, estão o Jornal Rádio Universidade, transmitido às 7h40, o Santo de Casa, às 11 horas (divulga a cultura maranhense desde 1994 e é um dos mais populares e de maior audiência), Rádio Opinião, às 7h45, Rádio Ciência, às 8 horas, e Cidade Universitária/ASCOM UFMA, às 12h10.

A emissora tem núcleos de Jornalismo, Produção, Programação, Marketing e Relações Públicas, todos coordenados por profissionais do mercado (RÁDIO UNIVERSIDADE, 2025, on line). É ainda um espaço para estagiários dos cursos de comunicação social, biblioteconomia, ciências da computação, design, música e administração. O slogan da Rádio Universidade é “O mundo se move, sempre mais, na 106,9”.

E desde final de novembro de 2023 a professora do Departamento de Comunicação Social, a jornalista Josie Bastos ocupa o principal cargo como diretora-executiva e tem a missão de modernizar a rádio e inseri-la nas redes sociais na busca de mais audiência e fidelização do ouvinte.

5. Histórias e memórias de nove mulheres profissionais da Rádio Universidade FM (106,9)

Antes de apresentarmos as nove mulheres profissionais da Rádio Universidade FM (106,9) que entrevistamos em 2024, de forma presencial utilizando um questionário semiestruturado, queremos fazer um destaque. Ao completar 30 anos de existência, em 2016, uma reportagem (em texto e áudio) destaca outras mulheres que estiveram ligadas à emissora (RÁDIO UNIVERSIDADE, 2025, on line). Quando a emissora foi implantada estavam juntas a filha do primeiro diretor José Cláudio Cabral Marques, Tereza Nascimento que é jornalista e trabalha na área da comunicação; Zenir Pontes, professora do departamento de Comunicação

Social da Universidade Federal do Maranhão aposentada e ex-diretora da Rádio (1988 a 1997); Roza Santos, produtora e criadora do programa Santo de Casa; e Nair Portela, ex-reitora da UFMA. No período em que a estação começou a se profissionalizar, mais duas mulheres estavam na gestão. Éllida Guedes foi diretora da emissora entre 1998 e 2003 e Gisa Franco é a locutora do Santo de Casa.

Quando estivemos na Rádio Universidade FM (106,9) em 2024, tivemos a oportunidade de entrevistar nove profissionais que amam o rádio. Nestas histórias de vidas relembradas e vividas por elas, vamos evidenciar a relação delas com e no rádio.

Josie Bastos, diretora-executiva e locutora

Josie do Amaral Bastos é professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e tornou-se diretora executiva da Rádio Universidade FM (106,9) em final de novembro de 2023 prometendo ampliar a qualidade da programação por meio de uma gestão compartilhada e humana. Doutora em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA com estágio Doutoral no College of Education & Human Ecology (Department of Educational Studies), Ohio State University, Columbus (USA), formou em Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). A jovem de 45 anos viveu as primeiras experiências em rádio logo após se formar, em 2005, primeiro na cidade de Imperatriz, na Rádio Difusora, depois de oito meses, mudou-se para São Luís para trabalhar na Rádio Mirante. Só que a vaga era em Codó, no interior do Maranhão, na região dos Cocaís. Anos depois, em 2009, conheceu o professor que na época era reitor da UFMA, Natalino Salgado. Ele a convidou para implantar a TV na universidade e ela topou mais esse desafio. Na instituição aproveitou para fazer o mestrado, o doutorado e o concurso. Quando ingressou na UFMA, ficou na área da assessoria de comunicação e também gestão da TV. Paralelo a essas ocupações, ainda trabalhou por um tempo como repórter na Rádio Difusora de São Luís.

Quando foi convidada pelo então vice-reitor Marcos Fábio, em 2023, para assumir o principal cargo da estação, Josie não hesitou. Como diretora executiva acredita que a principal missão é cuidar e buscar recursos para dar sustentabilidade à rádio. Mas além do objetivo de modernizar a estação, ela apresenta dois *spots* porque “gosta de ouvir e contar histórias”: “Tudo sobre saúde mental” e “Rádio Ciência Entrevista”. Os programetes são gravados sempre nas quartas-feiras e quando a agenda está cheia, ela repassa a função para outros colegas jornalistas.

Para Josie, o rádio “representa democracia, representa a diversidade, representa oportunidades. Eu acho que são grandes oportunidades, oportunidades de parcerias, oportunidades de recursos humanos, oportunidades de você poder ampliar produções”. (BASTOS, 2024, declaração verbal). No pouco tempo que está na emissora, montou um estúdio para o YouTube, para a produção audiovisual porque ela acredita que uma rádio pode fazer produção audiovisual e abrir espaço para que os parceiros a utilizem para se auto divulgar nas redes sociais. Ela acredita no rádio expandido, que vai além das ondas hertzianas e on line. E mesmo trabalhando muito na Rádio Universidade FM, a diretora executiva ouve outras emissoras, como a Senado, e podcasts informativos. “A minha rotina ligada no rádio começa às sete da manhã, com o Jornal Rádio Universidade, e só termina na hora que eu vou dormir.” (BASTOS, 2024, declaração verbal).

Josie sabe que no mercado profissional do rádio há uma desigualdade de gênero. Ela, que é uma exceção nas rádios do Maranhão por ocupar o principal cargo, percebe a diferença. Ela diz que os proprietários e os gestores, que administram a área financeira, geralmente são os homens e cabe às mulheres estarem em funções como apresentadoras ou trabalhando nas áreas administrativas. Mas, segundo ela, a presença das mulheres no rádio é fundamental porque “a gente traz a nossa história de vida, a gente traz tudo que a gente aprendeu. Então, eu acho que as mulheres, com certeza, elas contribuem nesse sentido, né?”. (BASTOS, 2024, declaração verbal). A diretora executiva afirma que juntas as mulheres pensam nomes de programas, em formatos, em quem entrevistar para as temáticas e agendas propostas e consideradas importantes como “a questão da violência sexual, questão de gênero” e por ser subjetivo porque faz parte da trajetória da maioria das mulheres. (BASTOS, 2024, declaração verbal).

Gisa Franco, apresentadora do Santo de Casa

Gisele Maria Franco Goiabeira, mais conhecida como Gisa Franco, é a voz do programa de maior audiência da Rádio Universidade FM. Apresenta o Santo de Casa, transmitido de segunda a sexta-feira, das 11 às 12 horas, que divulga a cultura e a diversidade do Maranhão. É locutora da estação há pouco mais de 31 anos e também trabalha na Rádio Timbira FM há 10 anos. Com a mudança na programação, Gisa apresenta o Timbira Cult, de segunda a sexta-feira, às 15 horas. Um programa também cultural e informativo.

Gisa tem 57 anos e se considera realizada. Acredita que as mulheres têm um papel fundamental porque se comunicam de forma diferente, falam de maneira direta para a mulher.

Também aposta que os dois programas que apresenta são voltados para o público feminino. O amor pelo rádio surgiu quando morou no Rio de Janeiro, quando completou o 2º grau do Ensino médio. O que chamava atenção da jovem, na década de 1980, era a animação dos locutores que vibravam com o rock. Naquela década surgiu o Rock In Rio e ela, é claro, foi a muitos shows. A radialista – o tempo atropelou a conclusão da faculdade de jornalismo – relembra que ficou “impressionada com as mulheres fazendo locução nas rádios”.

Jovem, teve que voltar para o Maranhão a pedido da mãe e ficou triste ao não ouvir vozes femininas falando no rádio. Em São Luís, na UFMA, começou a frequentar o curso de fotografia, mas logo conseguiu transferência para Comunicação. Como trabalhava com fotografia, não conseguiu conciliar as atividades. Foi nessa época, se recorda ela, que os professores elogiavam a sua voz. Depois de fazer um teste na Rádio Universidade FM, foi selecionada para ser estagiária e, entre 1987 e 1988 ganhou experiência prática. Só que a oportunidade como profissional ela começou na Mirante FM, em 1989, onde trabalhou por quase cinco anos. Foi em 1993 que Gisa voltou para a Universidade FM. Nesses 31 anos a frente dos microfones lembra que enfrentou situações de preconceito de gênero. Ela diz que teve um chefe que “não engolia, entendeu? Talvez porque eu não tinha um padrão de vestimenta muito requintado. Talvez porque eu não frequentava o mesmo círculo social dele, entendeu?”. (FRANCO, 2024, declaração informal). No entanto, os coordenadores e as coordenadoras valorizaram o seu trabalho. Crítica e observadora, ela enfatiza que sim, ainda existe diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Em geral, “para exercer a mesma função, eles ganham mais que nós mulheres”. (FRANCO, 2024, declaração informal). Para ela, cabe a nós mulheres motivar que mais mulheres ouçam rádio e mais estudantes de comunicação queiram trabalhar em rádio, começando com estágio. Quando tem a oportunidade de conversar com os jovens, ela procura passar a paixão dela pelo rádio. “A gente não consegue fazer rádio se não ouvir rádio, rádio é tudo.” (FRANCO, 2024, declaração informal).

Maira Nogueira, voz feminina do Jornal da Universidade

Maira do Espírito Santo Nogueira, 59 anos, é técnica em rádio e está estudando marketing digital porque acredita que poderá conciliar as duas áreas. Começou a trabalhar em rádio em 1985, como operadora de áudio na Rádio Difusora FM de São Luís. O convite inusitado foi do diretor geral Afonso Bacelar que, em plena década de 1980, sonhava com uma emissora com mais mulheres e vozes femininas no microfone. Quando ela participou da

seleção, mais nove mulheres estavam na disputa. Até assumir de vez a mesa de som, estagiou e aprendeu com outros operadores e controlar os botões dos equipamentos que eram analógicos. “Tinha homens operadores, mas só dois homens para nove mulheres”, recorda Maira (2024, declaração informal) que trabalhou das 6 ao meio-dia.

Um ano depois, uma chefe da estação convidou-a para fazer um teste de locução que só fez com a promessa de que era sem compromisso. Pronto, a partir daí a voz dela começou a ficar conhecida pelos colegas e outros profissionais do rádio. Mas teve que falar ao microfone como locutora um ano mais tarde quando cobriu a falta de uma colega que se desentendeu com a chefe. “Eu fui colocada na locução na época a queima roupa. Porque eu fiz esse teste, onde tinha inglês, tinha leituras e tal. Fiz esse teste e ela guardou esse teste. Eu pedi por favor não mostra pra ninguém, porque eu achava que a minha voz não era voz de locutora.” (NOGUEIRA, 2024, declaração informal). Foi assim, em 13 de agosto de 1986, que ela assumiu o horário do meio-dia às 14 horas e ganhou experiência. Na Difusora se recorda de ter apresentado programas como “Trem das sete”, “Dique Toca” e “Navega coração”, que ia ao ar no final de tarde de domingo.

No ano seguinte, em 1987, foi para a Rádio Mirante FM, cujo grupo pertence ao Sistema Globo, e trabalhou em diferentes horários. Só que no mesmo ano foi implantada a Rádio Mirante na cidade de Bacabal e lá foi ela integrar a nova equipe formada por 4 homens e apenas uma mulher: Maira. Ela lembra que a experiência foi ótima porque mesmo sendo uma estação do interior e sem internet, os ouvintes escreviam cartas para os locutores. Um dos programas que comandava era “Na mira do sol”, voltada para quem mora no interior, alegre e festivo.

Em 1989 decidiu voltar para São Luís para fazer o curso de pedagogia. Estava decidida a não trabalhar mais no rádio. Só que quando uma amiga a apresentou como locutora para o filho do proprietário da Rádio São Luís, Paulinho Falcão, foi convidada a fazer um teste e, claro, foi contratada. Por mais cinco anos estava numa emissora onde foi a única mulher por algum tempo. Ela lembra que no AM apresentava o programa “Alegria, Alegria”, um gênero de rádio revista porque tinha música, agenda cultural, horóscopo, entrevista com artistas locais e um quadro “Conte a sua história” onde o ouvinte narrava a sua história real, utilizando um pseudônimo. No FM criou e liderou o programa “Papo é rock” e o “Por do som”.

Cinco anos depois saiu da emissora para trabalhar numa produtora como repórter do “Domingão da Sorte”. Só que ainda no segundo semestre de 1995 voltou a trabalhar na Rádio

Difusora como apresentadora ao meio-dia. Pouco tempo depois, em 12 de fevereiro de 1996, iniciou a carreira na Rádio Universidade FM, das 22 horas até às 2 da manhã, no “Madrugada 106”. Em seguida mudou o horário das 18 às 22 horas, comandando um programa que interagiu com os ouvintes por meio de cartas. Mas isso foi só o começo porque ela também ficou a frente de outros programas como “Opus Universidade” e “Vertentes” – junto com Paulo Pellegrini, “Sintonia Fina”, “Em dois tempos” e também voltou a operar a mesa de som. Está há 29 anos na emissora educativa e sabe que é “uma das mais antigas ao lado da Gisa Franco e do Marcus Vinícius”. (NOGUEIRA, 2024, declaração informal).

Atualmente apresenta o FMPB, que começa às 6 horas da manhã, e na sequência, às 7h40, comanda com o coordenador de jornalismo, Adalberto Júnior, o Jornal Rádio Universidade. E das 8 às 9 horas é a voz do “Sessão das oito” que toca do Pop nacional ao internacional. Nas quintas-feiras, acrescenta Maira, a sessão é só delas, com vozes femininas cantando canções nacionais, internacionais, do erudito ao popular. Como trabalhou como programadora por um tempo, ela ajuda a incluir músicas que possam faltar no horário.

Para a radialista, o que tem de melhor no rádio são os ouvintes. “O rádio representa emoção, inspiração e representa essa ligação forte que a gente passa a ter com o ouvinte e que o ouvinte vira até seu amigo. Às vezes o ouvinte passa até a frequentar um ambiente que você está e se ele sabe que você está em algum lugar, ele vai lá, entendeu?”. (NOGUEIRA, 2024, declaração informal). Maira afirma ainda que o rádio representa uma história construída em cima de emoção e da realidade. “O rádio é isso, gente. É emoção, inspiração. E a gente passa isso pro ouvinte. E eu tento, de todas as formas, dar o meu melhor, mesmo que o meu melhor não esteja tão bom”, resume Maira.

Maud Rabelo, coordenadora de programação

Maud Rabelo é da geração 50 e não tem vergonha nenhuma de assumir a idade e a vasta experiência que possui. É uma conhecedora da música e não é por acaso que está no atual cargo como coordenadora de programação. Nasceu na Flórida (Estados Unidos) veio com a mãe, que tinha curso superior de inglês, para São Luís, na década de 1950, onde enfrentou o machismo. A primeira pessoa que entrevistou foi a mãe que admirava Simone de Beauvoir e Ângela Davis. Por causa desse conhecimento cultural adquirido e pela trajetória da mãe, Maud é uma feminista e a busca por formação superior passou pelas ciências humanas mas a “comunicação surgiu como um talento que eu tinha. Na época, houve um concurso para a TV educativa e eu

fiz e larguei um pouco as ciências, as humanas, que eu não tinha terminado e passei para a área de comunicação”. (MAUD, 2024, declaração informal).

Ela começou a trajetória profissional numa TV educativa à frente de um programa de ensino, em São Luís. Quando estava na TV, trabalhando como produtora e apresentadora de programas educativos, parecidos com a Futura, do canal da Globo, e como falava bem o idioma inglês, ela ganhou uma bolsa de um curso técnico para radialista nos Estados Unidos, do então reitor da UFMA, José Maria Cabral Marques (gestão 1979-1988). Concursada, fez o curso técnico de radialismo. Ela lembra que acompanhou o surgimento do Departamento de Estudos Latino-Americanos, em parceria com a *Open University* do Reino Unido, “que foi pioneira na EAD do ensino à distância e, naquela época, usava telefone para poder se conectar entre um aparelho de um computador e outro”. (MAUD, 2024, declaração informal). Dos Estados Unidos foi para a BBC de Londres (Inglaterra) onde teve oportunidade de aprender e produzir documentários, e entrar na área musical pesquisando música celta, da Irlanda, *new age* e conhecer outras cantoras como Enya, Sarah McLachlan e Lorena McKennitt. “Mulheres empoderadas e que conseguiram na luta e na música se destacar”, enfatiza Maud. “Eu lucrei com essas viagens e o aprendizado que eu tive, além do técnico na área de produção de documentários e produção de programas me deram embasamento cultural.” (MAUD, 2024, declaração informal). Ao retornar ao Brasil fez questão de divulgá-las.

Maud, que trabalha e ama a música tem consciência de que a cultura musical veio de muitos lugares e de diferentes vertentes. Aliás, a música sempre foi a primeira opção na vida. Segundo ela, tudo somado ao período em que morou, mais tarde, em Florianópolis (Santa Catarina), onde sentiu “o poder feminino” que ela presume “surgiu por causa das feitiçadeiras porque dizem que a Lagoa da Conceição foi a ilha das bruxas”. (MAUD, 2024, declaração informal).

A aproximação com o rádio também aconteceu no período em que morou nos Estados Unidos quando pesquisava uma emissora pública e acompanhava os repórteres em suas atividades por curiosidade. “Então, essa parte de comunicação entrou assim na minha vida e o rádio entrou desse jeito”, destaca a coordenadora de programação. E foi em 1986 que Maud ingressou na Rádio Universidade FM e se espantou ao verificar que as vozes predominantes eram masculinas em todas as estações de São Luís. No início fazia locução aos domingos e logo de vários programas em determinados horários. Mas como ficava nervosa, não dava conta de operar a mesa de som. O diretor então a convidou para ajudar na reorganização e renovação

da programação, voltada para os jovens. Em 1992, recorda-se, assumiu de vez a coordenação da programação musical e continuou contribuindo com a criação de novos programas, entre eles, “Circuito Universitário”, e ir atrás das gravadoras que “não acreditavam nas rádios públicas”, enfatiza Maud. “Essa é uma atitude de produtor, na realidade. Eu acho que o produtor é isso.” (MAUD, 2024, declaração informal). Para ela, o rádio é o meio de comunicação que permite se comunicar mais rápido.

Teresa Cristina Carvalho Lima de Almeida, programadora musical

Teresa Cristina Carvalho Lima de Almeida está na Rádio Universidade FM há 26 anos. É a programadora musical. Formada em comunicação social com habilitação em radialismo e estudos africanos e afro-brasileiros pela UFMA, depois de 20 anos só trabalhando decidiu cursar fisioterapia quando percebeu a importância deste profissional que ajudou a cuidar da avó. Está com 53 anos e afirma que desde os 14 anos o rádio é uma das suas paixões, “minha vida, minha terapia”, e por causa do amigo Robson Júnior, que a inspirou – locutor na Rádio Timbira FM – ouvia sempre a Rádio Mirante FM por causa das músicas e foi estudar radialismo.

Começou como estagiária na rádio educativa em 1991 e quando conclui o radialismo foi contratada como funcionária pela Fundação Sôsândrade. Ficou pouco tempo, até 1994. Trabalhou na Rádio Educadora de 1994 até 2002 e nesse meio tempo voltou para Universidade em 1998, onde está até hoje. Na Educadora era sonoplasta, função que exerceu quando ingressou na estação da UFMA. Durante algum tempo fez locução, mas ela salienta que é o estúdio de gravação é área preferida. Teresa enfatiza que naquela época havia um “estigma de que trabalhar em rádio era um espaço voltado para o homem e a mulher não era bem-vista nesse meio”. (ALMEIDA, 2024, declaração informal).

Conforme Teresa, ser programadora musical lhe dá prazer o tempo todo porque gosta do que faz e da função exercida. “Trabalhar com música é uma coisa interessante demais para mim. Eu durmo ouvindo música, hoje menos, mas naquela época que eu comecei a ser ouvinte de rádio, eu dormia ouvindo música, eu acordava ouvindo música, eu estudava ouvindo música.” (ALMEIDA, 2024, declaração informal). Para ela, a música e o rádio são tudo na vida dela porque a transporta para um mundo onde não tem problemas.

Leila Ferreira, coordenadora de marketing cultural

Leila Ferreira é a responsável pela captação de apoiadores culturais - editais, parcerias, captação de novas parcerias, manutenção das existentes e contratos. E recebe material para divulgar que vai entrar na programação., no setor de marketing cultural, desde que começou a trabalhar na emissora, em 2007. E uma das atividades que mais gostou de participar e ajudar a organizar foi o Prêmio Universidade, um “concurso musical que envolvia músicos, compositores e todo o pessoal da área da cultura é como se fosse um Oscar maranhense”, recorda Leila. “Foi um dos momentos mais marcantes e maravilhosos que vivi no rádio.” (FERREIRA, 2024, declaração informal).

Para ela, que está com 55 anos, o rádio é uma ferramenta poderosa que, apesar das redes sociais, tem um alcance muito maior. Durante a pandemia da covid-19, lembra a coordenadora, as agências de publicidade e marketing de São Luís fizeram uma pesquisa em conjunto para entender como o mercado estava funcionando e o rádio apareceu como o melhor meio de divulgação porque as pessoas estavam sintonizadas. Ela mesma se cita como exemplo porque ouve rádio. Além da Universidade, escuta outras comerciais para estar informada e ter acesso a diferentes abordagens noticiosas.

Sanndila Torres, foi coordenadora de relações públicas

Sanndila Torres tem apenas 29 anos, é formada em relações públicas pela UFMA e a Rádio Universidade FM é a primeira experiência profissional que assumiu em 2021. Enquanto estava na faculdade, era bolsista do cerimonial da universidade. Assim que se formou, o então vice-reitor Marcos Fábio a convidou para ocupar uma vaga na estação. É ela quem estabelecia, até março de 2024, as relações internas com a equipe da rádio, por meio da comunicação institucional – jornal mural e e-mails –, e externas com os ouvintes. “É muito importante conectar e aproximar as pessoas. E precisamos ouvir os nossos ouvintes, a comunidade acadêmica, e recebê-los em visitas”. (TORRES, 2024, declaração informal). Tem um programa de visitas na Rádio Universidade e os interessados podem solicitar, por meio de um formulário disponível no Instagram, acrescenta a jovem.

Ela não fez locução na emissora, mas destaca que trabalhou com a produção radiofônica. Segundo Sanndila, a Rádio Universidade FM conquistou o seu coração. “Ela é muito querida, não só pela minha proximidade, por ser egressa da UFMA, mas porque percebo, pelo que eu ouço das outras pessoas, gera um sentimento de afeto”. (TORRES, 2024, declaração informal). A emissora, acrescenta, tem uma programação diversificada, trabalha

com jornalismo, valoriza a cultura, tem uma programação de 24 horas praticamente de músicas diferenciadas. “Porque eu ouço outras estações. E as pessoas da Universidade FM são muito agradáveis, são pessoas muito fáceis de trabalhar, muito alegres. Então, é um ambiente muito propício à realização de um trabalho que você faz com satisfação e prazer.” (TORRES, 2024, declaração informal). Para ela, o rádio continua sendo um veículo de comunicação importante e conseguiu se modernizar com a chegada das novas tecnologias

Lana Fonseca, secretária

Lana Fonseca foi batizada como Ellnia Rodrigues da Fonseca e é formada em Administração. Na emissora trabalha como secretária e é considerada o braço direito e esquerdo da diretora-executiva. Começou na Universidade FM como estagiária, há 17 anos, com apenas 21 anos. No início foi recepcionista e auxiliar de secretária. Tudo o que acontece na rádio passa por ela, desde o RH, financeiro até a direção. “Porque se não passar, se eu não souber o que está acontecendo, aí as coisas não andam.” (FONSECA, 2024, declaração informal). Ela, é claro, conhece todo mundo e muitos dos que trabalharam. Entre os momentos bons estão as confraternizações da equipe, ressalta Lana. Ela cita também quando ajudava no Prêmio Universidade que incentivava as produções musicais maranhenses e era organizado pela rádio.

Lana nunca tinha imaginado trabalhar numa rádio e quando perguntam onde ela ganha o pão, acham que é fazendo locução. Uma área que ela nem quer chegar perto porque não se sente à vontade. Prefere ficar nos bastidores. No entanto, se emociona quando fala da emissora: “eu gosto demais. Eu trabalho aqui por amor porque eu gosto, eu vim pra cá muito nova e acabei gostando, me envolvendo. A rádio representa pra mim uma família que eu tenho aqui. Família 106, uma família”. (FONSECA, 2024, declaração informal). Quando tem um tempinho, sintoniza a estação para ouvir notícias e músicas.

A secretária também destaca que com a gestão da diretora-executiva Josie, a Universidade FM ganhou ares femininos. Está mais colorida, com plantas em diversos espaços e, principalmente, porque sabe que a professora Josie sonha em ter mais mulheres ocupando diferentes cargos na emissora.

Karine Kelly Costa Ribeiro, coordenadora de mídias sociais

A jovem Karine Kelly Costa Ribeiro, 30 anos, foi coordenadora de mídias sociais em 2024 e quando Sanndilla mudou-se para outro setor na UFMA ela assumiu o cargo de coordenadora de relações públicas. Trabalhou principalmente com os bolsistas e estagiários da emissora que a ajudavam a cuidar das redes sociais como Instagram, Facebook, site, o canal do YouTube e a plataforma de *streaming*. “Minha função é levar a nossa rádio física para o digital”, explica.

Formada em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda (Ceuma), a Universidade FM é a primeira experiência dela com o rádio, depois de ser uma integrante do Jovem Aprendiz. Ficou encantada com a oportunidade porque “têm pessoas com mais de 30 anos na rádio. Porque amam o que fazem e amam trabalhar aqui. Amam estar nesse ambiente, né? Então, isso também foi uma das coisas que me chamou a atenção”. (RIBEIRO, 2024, declaração informal). Além disso, o acervo de discos bem conservado foi a área que mais chamou atenção dela, principalmente porque a era é digital.

Para ela, o rádio é uma ferramenta necessária porque informa o ouvinte e oferta entretenimento e música de qualidade. “É um formador de opinião porque as pessoas que consomem rádio são pessoas também formadoras de opinião, né? Então, eu vejo hoje a rádio como uma grande formadora de opinião.” (RIBEIRO, 2024, declaração informal). E a história de que vai acabar não existe para a jovem porque existe público para todos os segmentos.

6. Considerações finais

O artigo que apresentamos sob a perspectiva de gênero é um mapeamento das mulheres que trabalham na Rádio Universidade FM (106,9), que é gerida pela Universidade Federal do Maranhão, e funciona há 38 anos na capital São Luís (Maranhão). Por meio da busca ativa no site e em contato pelo canal de comunicação *whatsApp*, realizados em 2024, identificamos nove mulheres e 15 homens. Sendo que das nove, uma ocupa o cargo de diretora-executiva e apresenta alguns programas (Josie Bastos) e apenas duas são locutoras: Gisa Franco e Maira Nogueira. As demais são coordenadoras e uma é secretária. Trabalham nos bastidores da emissora.

Após, marcamos entrevistas semiestruturadas com as nove profissionais que foram realizadas presencialmente nos dias 25 de junho e 18 de julho, na própria emissora. Todas aceitaram prontamente participar da pesquisa do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, liderada pela autora, e denominada de “Vozes, memórias e história de mulheres nas

rádios do Maranhão (1941-2022)” para identificar as mulheres que trabalharam e trabalham em rádio no Maranhão a fim de reconstituir as suas histórias de vida. Uma contribuição para uma pesquisa nacional mais ampla proposta pelas pesquisadoras Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFOP) intitulada “A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico”.

O que mais nos chamou atenção é que duas, Maud Rabelo e Gisa Franco (locutora e apresentadora do Santo de Casa) estão há mais de 30 anos na emissora. E a apresentadora do Jornal Rádio Universidade Maira Nogueira está com 29 anos de casa. Duas delas, Lana Rodrigues (secretária) e Leila Ferreira (coordenadora de marketing cultural) são funcionárias da estação há 17 anos. E quatro trabalham entre 1 ano e meio a seis meses. Entre elas, a diretora-executiva Josie Bastos que assumiu o cargo no final de novembro de 2023. Todas, em suas áreas específicas, veem o rádio como um importante veículo de comunicação e são apaixonadas pelo que fazem.

No entanto, entre as nove profissionais, apenas três falam ao microfone apresentando programas. Gisa comanda o Santo de Casa que tem uma das maiores audiências da emissora e Maira apresenta o radiojornal. Ambos são transmitidos na parte da manhã, considerado o horário nobre do rádio. As demais trabalham como coordenadoras de programação, musical ou das redes sociais e relações públicas e a Lena é a secretária. Outro destaque é a presença de uma mulher no principal cargo: a diretora-executiva Josie Bastos que, desde o final de novembro de 2023, quer deixar a estação mais feminina. Com mais presença de mulheres.

Consideramos que esta pesquisa é um retrato da Rádio Universidade FM, a única universitária no Maranhão, e nela procuramos dar voz e visibilidade às mulheres que trabalham com orgulho e sabem da importância do rádio na comunicação. Elas também sabem que suas histórias precisam ser visibilizadas e têm consciência de que, infelizmente, no universo radiofônico, as vozes masculinas prevalecem no microfone. Mas as nove profissionais acreditam no trabalho que realizam e sabem que fazem a diferença dentro da emissora.

Referências

ALMEIDA, Teresa Cristina Carvalho Lima de. **Programadora musical da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

BASTOS, Josie. **Apresentadora da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

BETTI, Juliana Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero**: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Florianópolis: UFSC, 2021. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

BRITO, Nayane. **Radiojornalismo no Norte do Maranhão**: um estudo de emissoras de antena (2018-2023). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

BRITO, Sannidila Adrielle Torres. **Coordenadora de relações pública da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 18 de julho de 2024.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**, v. 4, p. 65-82, 2008.

FERREIRA, Leila. **Coordenadora de marketing cultural da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

FONSECA, Ellnia Rodrigues da. **Secretária da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

GOIABEIRA, Gisele Maria Franco. **Apresentadora da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 18 de julho de 2024.

História da Rádio Universidade. <http://www.universidadefm.ufma.br/universidade-fm-30-anos/>

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**. Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

MUSTAFÁ, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville (1941-1961). **Anais**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava (PR): ALCAR, 2011. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-8o-encontro-2011/>. Acesso em: 9 agos. 2024.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). **Anais**. XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>.

MUSTAFÁ, Izani; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres que trabalham em rádio em quatro cidades da Região Tocantina (MA). **Anais**. Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Imperatriz (MA), 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/simcom-2023?lang=pt-br>.

MUSTAFA, Izani; BRITO, Nayane. Rádio e poder político no Maranhão, uma história de 78 anos (1941-2019). In: LOPEZ, Débora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; RADDATZ,

Vera. (Org.). **Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção**. 1ed. Ijuí: Unijui, 2020, v. 1, p. 323-337.

NOGUEIRA, Maira do Espírito Santo. **Apresentadora da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

PERROT, Michelle. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. **Cadernos Pagu (4)** 1995, p. 9-28.

RABELO, Maud. **Coordenadora de programação da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

RIBEIRO, Karine Kelly Costa Ribeiro. **Coordenadora de mídias sociais da Rádio Universidade FM**. Entrevista concedida à autora. São Luís (Maranhão), 25 de junho de 2024.

Rádio Univesidade FM (106,9). Disponível em: <http://www.universidadefm.ufma.br/>.

ZUCULOTO, Valci; BETTI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. **Anais**. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2022.